

3 Mapa das sensibilidades

3.1 A *Livraria Garnier* e o mercado editorial da *belle époque* carioca

O sucesso das reportagens da série “As religiões no Rio” foi tão grande que ainda no final daquele ano, mais precisamente em dezembro de 1904, os textos do “inquérito” foram reunidos e editados em livro produzido pela *Tipografia da Gazeta de Notícias* e sua segunda edição, datada de 1906, pela conceituada editora da *Livraria Garnier*¹

Se tais textos foram elaborados e publicados, foi porque autores e editores acreditaram que aqueles conteúdos teriam ressonância ou adesão entre seus leitores. É preciso considerar que o interesse na venda de livros mobilizava diversas estratégias por parte das editoras que procuravam apresentá-los como atraentes ou divertidos, garantindo assim sua transformação em produto de consumo popular, enfim, é preciso considerar que a obra de João do Rio devia compor com interesses de mercado. Para os editores realmente interessados em vender milhares de exemplares em poucos meses, a ousadia e a criatividade deviam formar uma aliança imprescindível. As tiragens editoriais elevadas, os sucessos de livraria, a publicação de enredos provocantes ou de forte impacto eram repetidas vezes anunciados com alardes nos jornais, cartazes e catálogos da época.

Com o desenvolvimento da imprensa no país, os periódicos mais importantes possuíam tipografia própria. Esse era o caso da *Gazeta de Notícias*, cuja tipografia situava-se na Rua sete de setembro 70, endereço nobre da *belle époque* carioca. Além de imprimir o periódico, a tipografia imprimia também algumas crônicas e folhetins publicados em suas páginas, além de encomendas.

A preocupação com a existência de leitores é uma constante na paisagem intelectual da República na virada do século XIX para o século XX. Já estava em curso desde os anos 1840 um processo de fortalecimento das condições sociais, culturais e técnicas que desde então vinham propiciando a formação de um público leitor e o comércio de edições. Estas condições traduziram-se no estabelecimento de políticas voltadas à escolarização na abertura de bibliotecas e

¹ Vide nota 70, capítulo 01.

na instalação – particularmente no Rio de Janeiro – de livrarias e tipografias². A chegada das inovações tecnológicas de impressão viabilizava exemplares mais baratos, enquanto a entrada maciça de imigrantes, somada à massa de libertos e a população branca, eram vistos como consumidores em potencial. O mercado editorial da época investia em publicações voltadas para o “povo”, e, segundo alguns críticos, estava mais preocupado com o número de vendas do que com a qualidade literária propriamente dita. Por “povo” respondia, como nos lembra Alessandra El Far³, não as camadas pobres e de baixa renda, mas sim toda e qualquer pessoa dentre as mais de 400 mil pessoas alfabetizadas, entre homens e mulheres (cerca de 50% da população da Capital)⁴.

Desde o século XIX, impressores, editores e livreiros estrangeiros instalaram-se na cidade, tornando-se presença fundamental no comércio e edição de livros e importante ponto de referência e de dinamização da sua paisagem cultural. Entre esses, podemos citar o suíço Leuzinger, os irmãos alemães Laemmert e vários franceses como Bossange, Plancher, Villeneuve, Ailaud e Garnier⁵.

É preciso frisar aqui que o comércio livreiro carioca da virada do século estava longe de concentrar nas mãos de um ou dois comerciantes bem-sucedidos. Naquele período, vários estabelecimentos do mesmo teor surgiam e divulgavam, cada um a seu modo, suas ofertas e raridades bibliográficas. Como muitos desses comerciantes não possuíam um capital avantajado para a compra de um estoque variado, era comum o anúncio de especialidades, podendo ser elas acadêmicas ou literárias, científicas, lingüísticas, jurídicas, etc. Enquanto umas livrarias vendiam somente livros, outras dividiam o espaço com o material de papelaria, utensílios para escritório, jogos, águas perfumadas, guarda chuva e objetos de uso pessoal⁶.

No entanto, a *Livraria Garnier* dividia com a *Laemmert* a liderança no mercado de livros. Publicava desde a teologia até a novela, o livro clássico, a

² HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil - sua história*. São Paulo: Ed. USP, 1985; LAJOLO, Maria; ZILMERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

³ EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004., p. 12.

⁴ Na virada do século, o Rio de Janeiro tinha o índice de analfabetismo mais baixo do país, que no total tinha 80% da população brasileira. O censo de 1890 no Distrito Federal contabilizava 522 mil habitantes (o dobro do registrado em 1872), dentre os quais 57,9% dos homens e 43,8% das mulheres eram alfabetizados (o que somava, então, cerca de 270 mil pessoas aptas a ler e escrever). Para maiores informações sobre índices populacionais do período ver DAMAZIO, Sylvia. *Retrato Social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

⁵ HALLEWELL, Laurence. op. cit.

⁶ EL FAR, Alessandra. op. cit., p. 43.

composição recente, a ciência e a imaginação, a moral e a técnica, tendo porém, seu maior destaque mediante o público-leitor na publicação de gêneros literários. A *Livraria Garnier*, desde a sua instalação em 1844 até os anos 1920, desempenhou um papel de centro catalisador de publicação das obras dos homens de letras no Brasil e, ao mesmo tempo, da reunião desses homens, uma vez que se transformou em um espaço físico de encontro e de convivência da intelectualidade da época. Além disso, é considerada por pesquisadores a principal responsável pelo início do desenvolvimento editorial brasileiro, tendo a seu favor pontos importantes tais como pagamento regular de direitos autorais, boa remuneração aos tradutores, formação de um corpo fixo qualificado de redatores-revisores e um maciço investimento em literatura, tanto européia quanto nacional. A *Livraria Garnier* trabalhou com afinco, identificando o público-leitor que pretendia atingir, buscando e publicando as obras dos mais notáveis escritores e intelectuais de sua época.

O francês Baptiste Louis Garnier, irmão de Hippolyte Garnier, proprietário da livraria e editora *Garnier Frères* de Paris, chega ao Rio de Janeiro em 1844, iniciando suas atividades no Brasil em sociedade com a livraria de seus irmãos em Paris. A sociedade foi rompida em 1852, quando ele se torna o proprietário exclusivo da *Livraria*, porém Baptiste Garnier continua a editar e vender os livros do Brasil em Paris e a vender no Brasil livros traduzidos ou no original publicado pela editora parisiense *Garnier Frères*⁷.

Com sua morte em 1893 a livraria é herdada por seu irmão Hippolyte Garnier, que decide manter a empresa fundada por seu irmão no Rio de Janeiro e nomeia um gerente, Julien Lanzac, a quem confia a responsabilidade da direção, que se torna, de novo, filial da *Garnier Frères* de Paris.

Com a morte de Hippolyte Garnier em 1911, o novo proprietário da *Livraria* passa a ser seu sobrinho e herdeiro, Auguste Garnier, que nomeia Emílio Izard como o novo gerente. É quando a *Livraria* começa a entrar em declínio. Uma combinação de fatores foi apontada por estudiosos como crucial para a sua crise: a morte de Hippolyte, o retorno de Lanzac à França em 1913, a I Guerra Mundial iniciada em 1914 com suas conseqüentes interferências nas atividades e transações do comércio internacional e um menor interesse de Auguste Garnier

⁷ Maiores detalhes sobre a atuação dos irmãos Garnier ver HALLEWELL, Laurence. op. cit.

pelo mercado editorial brasileiro somam-se às transformações no campo editorial e no mercado de livros, que vivia a entrada de novas lideranças empresariais como a *Francisco Alves*. A combinação que afetou os negócios da *Livraria Garnier* a fez perder posição no mercado e acabou por conduzir à queda definitiva nos anos 1930. Em 1934 a *Livraria Garnier* é vendida a *Ferdinand Briguiet & cia*; em 1951 ela é comprada pela *Difusão Européia do Livro*; 1953 o imóvel Briguiet/Garnier é vendido e demolido; em 1973, a *Livraria Itatiaia*, de Belo Horizonte, adquiriu alguns ativos da firma, inclusive seus arquivos comerciais⁸.

Num período em que literatos não contam com o reconhecimento de parte da sociedade e que têm que se desdobrar para conseguir divulgar seu trabalho, poder publicar na editora *Garnier* representava uma conquista para muitos. Dizia-se naquela época que a *Garnier* não publicava o primeiro livro de ninguém. Para conseguir o selo editorial da *Livraria* era preciso antes conquistar o apreço dos críticos literários, assinar colunas na grande imprensa ou ter algum destaque na vida política do país. Sem dúvida, o fato de ter seu livro em sua segunda edição publicado pela mais conceituada editora do país é mais uma prova do sucesso de João do Rio e de seu “inquerito religioso”, além do seu reconhecimento como cronista.

3.2 As religiões no Rio: o livro

O livro, de nome homônimo à série, foi posto à venda em 05 de dezembro de 1904, na *Livraria Garnier*, na rua do Ouvidor. Era um volume de 300 páginas, com capa colorida, ilustrada pelo caricaturista Raul Pederneiras. Raul era um dos mais conceituados caricaturistas do momento e ter um trabalho seu ilustrando a obra de João do Rio, era, sem dúvida, sinal de muito prestígio. Interessante coincidência o fato de Raul ter ilustrado não só o volume como também ter ilustrado as páginas da *Gazeta* com uma caricatura retratando o sucesso da série (vide capítulo 1).

A *Gazeta de Notícias* anuncia, com destaque na primeira página, o início das vendas do livro:

As religiões no Rio. Será posto a venda amanhã, na livraria Garnier, a rua do Ouvidor, o livro *As religiões no Rio*, que tanto sucesso causou quando publicado

⁸ HALLEWELL, Laurence. op. cit., p. 195.

na *Gazeta*. João do Rio refundiu muitos capítulos, aumentando-os com outras revelações sobre os negros feiticeiros. O livro é abundante em notas curiosas sobre os feitiços, modos porque os negros africanos os praticam, cenas através do espiritismo, buxedo, etc. *As religiões no Rio* destinam-se a um franco sucesso de livraria. O caricaturista Raul compôs uma linda capa colorida que ilustra o volume. Gil fez para as primeiras páginas um dos seus belos *portrites charges*⁹. [grifos no original]

A partir de então a *Gazeta* informa o sucesso de vendas do volume, sempre com destaque na primeira página:

As religiões no Rio. Pode-se considerar um sucesso de livraria a venda do volume *As religiões no Rio*, que ontem expôs a casa Garnier na sua [sic]. Desde cedo começaram a procurar o volume, cuja edição tem uma linda capa de Raul. A venda começou as 10 de manhã e às 6 da tarde a casa Garnier tinha vendido 200 exemplares, tendo recebido pedidos telegráficos de São Paulo e Minas Gerais para a remessa de volumes. *As religiões no Rio* além de interessarem naturalmente todas as igrejas [sic] do Brasil tem dois capítulos de sugestivas revelações: As descrições das casas de feitiçaria e de espiritismo no Rio e a lista enorme de nomes de cartomantes e feiticeiros procurados pela nossa melhor sociedade. A edição d' *As religiões no Rio* estará em muito pouco tempos esgotada¹⁰. [grifos no original]

E em 15 de dezembro, a *Gazeta* destacava que a 1ª edição já estava quase esgotada:

As religiões no Rio. Está quase esgotada a primeira edição no livro *As religiões no Rio*. A respeito desse mesmo volume recebeu o autor a seguinte carta do Ilustre diretor do Hospício de Alienados, Dr. Afrânio de Peixoto: “Caro João do Rio: mandei juntar teu belo livro *As religiões no Rio* a biblioteca deste Hospício. Espero que os estudiosos possam muitas vezes [sic] rastrear o processo psicológico de [sic] aqui tratadas. Eis, pois, como teu inquérito de vida carioca tem uma aplicação científica. Talvez nem de todas suspeitada¹¹” [grifos no original]

Os leitores, tão curiosos quanto o próprio jornalista, garantiram o sucesso do livro, que teria sua primeira edição praticamente esgotada em apenas dez dias. Renato Gomes afirma que em seis anos, a obra chegou a vender mais de oito mil exemplares, um número bem expressivo, levando-se em conta o restrito público-leitor e comprador de livros naquela época¹².

⁹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04 dez 1904, p. 01

¹⁰ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro 06 dez 1904, p. 01. Na edição do dia seguinte a *Gazeta* também publicou uma nota divulgando o sucesso da venda do livro, mas por se tratar de notas muito similares, optei por transcrever somente a primeira.

¹¹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro 15 dez 1904, p. 01

¹². GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: vielas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura do Rio, 1996, p. 67.

O sucesso de vendas do livro estava estampado em vários periódicos da época. “As religiões no Rio” foi aclamado pelo público, pela imprensa, pelos críticos. Um outro índice do sucesso do livro está na declaração do crítico literário Nestor Vitor¹³:

“... essa representa uma das maiores novidades literárias que decorreram enquanto estive ausente daqui. Quando voltei quis ler o livro, mas nem mesmo o autor pôde proporcionar-me a satisfação desse desejo. Não tinha e não sabia onde se fosse procurar um exemplar”¹⁴.

Uma nota, publicada no *Jornal do Commercio* vem a somar nesse sentido :

As religiões no Rio. O Sr. Paulo Barreto (João do Rio) acaba de publicar em volume os seus artigos de reportagem moderna e literária, primeiramente escrito para a imprensa. Foi uma excelente resolução não só os êxitos destes trabalhos o reclamava, mas também seria pena tão brilhante se desperdiçasse na efêmera passagem dos jornais. O volume do Sr. Paulo Barreto não comporta, está de ver, o estudo filosófico e comparado das religiões que nesta Capital florescem ou contam apóstolos e adeptos. O brilhante jornalista apenas se deu ao trabalho de as revelar, descrevendo os ritos pintando as cores vivas e atuais, os atos e cerimônias que assistiu¹⁵ (...)

É interessante lembrar que o reconhecimento da obra como tendo um valor antropológico, conforme explicita o parecer da Comissão de História do Instituto Geográfico Brasileiro, então composta por Sílvio Romero, visconde de Ouro Preto e B. T. de M. Leite Velho:

O livro *As religiões do Rio* do Sr. Paulo Barreto é único em seu gênero na literatura brasileira. Nós já possuímos, por certo, vários quadros de costumes, principalmente no romance, no drama, na comédia e em obras de viagem; não possuímos, porém, um quadro social, tão palpitante de interesse, como esse que o jovem dedicou às crenças religiosas do Rio de Janeiro. Não é um livro, nem o autor se propôs a fazê-lo, de alta indagação criticou história sobre credos e teologia, o gosto de Baurr, Strauss, Wald, Michel, Nicolas, Colani, Reville e outros, mas um apanhado em flagrante de várias crenças confessionais existentes nesta capital, nas suas práticas culturais.

Escrito com verve, graça e cintilação de estilo, o livro é uma verdadeira jóia que deve ser apreciada pelos leitores competentes. Tem cunho histórico, porque

¹³ Nestor Victor dos Santos (1868-1932) foi um poeta, contista, ensaísta, romancista, crítico e conferencista brasileiro. Entre 1902 e 1905, Nestor Victor viveu em Paris, acumulando uma colocação modesta no consulado brasileiro, com o trabalho de correspondente dos jornais *O Paiz* e *Correio Paulistano*, além do de professor particular dos filhos do Barão do Rio Branco. Cf. VICTOR, Nestor. *Paris, impressões de um brasileiro*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

¹⁴ VICTOR, Nestor. *Obra Crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969.

¹⁵ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 06 dez 1904, p. 02.

fotografa o estado d'alma fluminense num período de sua evolução. O autor merece um lugar neste Instituto¹⁶.

As reportagens publicadas entre os meses de fevereiro e abril de 1904 na *Gazeta de Notícias* foram reunidas e tiveram sua ordem alterada na elaboração dos capítulos. As reportagens referentes aos “candomblés dos negros minas”, publicadas a partir da oitava reportagem da série, passaram a compor o primeiro capítulo do livro. Acredito que isso se deva ao sucesso destas reportagens em comparação as outras da mesma série.

Além disso, alterações no sentido de agrupar as reportagens da mesma religião foram feitas, candomblés num único capítulo, assim como espíritas, satanistas e o grupo de igrejas pertencentes ao movimento evangélico.

Na divulgação do livro foi dito que estaria acrescido de novas informações, em especial nas reportagens sobre os candomblés. Porém, comparando a edição do livro com as reportagens, e a edição seguinte, pude constatar que essas novas informações não passam de poucas frases e algumas palavras modificadas, nada que mude ou acrescente as informações já trazidas nas reportagens, ou seja, as assertivas fariam parte das estratégias de venda da obra.

E parece que foram justamente as reportagens sobre as religiões africanas que garantiram o sucesso editorial. Os registros sobre os cultos africanos, publicados, primeiramente, no meio da série, passam então a figurar como artigos iniciais, atestando seu grande sucesso¹⁷.

Novamente na intenção de que se possa compreender melhor a dinâmica das reportagens, elaborei também duas tabelas para ilustrar melhor algumas informações importantes. As tabelas trazem comparações entre as reportagens originais publicadas na *Gazeta* e sua posterior publicação em livro.

Na primeira tabela temos a comparação entre a ordem dos capítulos no livro e a ordem em que foi publicada a sua reportagem correspondente dentro da série. Perceba que além da alteração da ordem, houve uma reorganização das informações: enquanto nas reportagens originais se tratavam de crônicas individuais, no livro passam a figurar como blocos de um único capítulo.

¹⁶ Revista do IHGB, ano 1907. João do Rio foi aceito como sócio correspondente por falta de vagas como sócio efetivo.

¹⁷ RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

Tabela 04
Quadro comparativo entre as reportagens originais na série e sua publicação no livro “As religiões no Rio”: Ordem dos capítulos e ordem de publicação das reportagens

TÍTULO DO CAPÍTULO	ORDEM DE PUBLICAÇÃO DA REPORTAGEM CORRESPONDENTE
Apresentação	
01.No mundo dos feitiços	
Os feitiçeiros	08
As iaôs	09
O feitiço	10
A casa das almas	11
Os novos feitiços de Sanin	16
02. A Igreja Positivista	06
03. Os Maronitas	21
04. Os Fisiólatras	07
05. O movimento evangélico	
5.1 A Igreja Fluminense	13
5.2 A Igreja Presbiteriana	12
5.3 A Igreja Metodista	14
5.4 Os Batistas	04
06. A ACM	15
6.1 Irmãos e Adventistas	
07. O Satanismo	
7.1 Os satanistas	17
7.2 A missa negra	18
08. Os exorcismos	20
09. As sacerdotizas do futuro	19
10. A Nova Jerusalém	01
11. O culto do mar	22
12.O espiritismo	
12.1 Entre os sinceros	03
12.2 Os exploradores	02
13. As sinagogas	05

Na segunda tabela temos uma comparação entre as reportagens originais publicadas na série da *Gazeta* e os capítulos do livro. Observe algumas modificações quanto o nome dos capítulos; talvez tenham sido efetuadas no sentido de melhor chamar a atenção do leitor para o conteúdo das mesmas.

Tabela 05
Quadro comparativo entre as reportagens originais na série e sua publicação no livro “As religiões no Rio”: Nome original e modificações feitas no livro

TÍTULO DO CAPÍTULO	PUBLICADA ORIGINALMENTE COM O NOME DE :
Apresentação	Nota que antecedeu a primeira reportagem da série
01.No mundo dos feitiços Os feiticeiros As iaôs O feitiço A casa das almas Os novos feitiços de Sanin	No mundo dos feitiços: Os feiticeiros No mundo dos feitiços: As iaôs O feitiço No mundo dos feitiços: A casa das almas No mundo dos feitiços: Os novos feitiços de Sanin
02. A Igreja Positivista	O Positivismo
03. Os Maronitas	Os Maronitas
04. Os Fisiólatras	Os Fisiólatras
05. O movimento evangélico 5.1 A Igreja Fluminense 5.2 A Igreja Presbiteriana 5.3 A Igreja Metodista 5.4 Os Batistas	A Igreja Fluminense A Igreja Presbiteriana A Igreja Metodista Os Batistas
06. A ACM 6.1 Irmãos e Adventistas	A ACM Irmãos e Adventistas
07. O Satanismo 7.1 Os satanistas 7.2 A missa negra	Os satanistas A missa negra
08. Os exorcismos	Os exorcismos de Frei Piazza
09. As sacerdotizas do futuro	As sacerdotizas do futuro
10. A Nova Jerusalém	A Nova Jerusalém
11. O culto do mar	O culto do mar
12.O espiritismo 12.1 Entre os sinceros 12.2 Os exploradores	Os Espíritas O Espiritismo Falso
13. As sinagogas	Pelas sinagogas

Apesar do sucesso instantâneo, o livro foi taxado por muitos de seus contemporâneos como obra de ficção, o que, segundo Julia O'Donnell¹⁸, revela o caráter inovador de seu conteúdo. O fato de que a muitas pessoas as informações contidas na obra soassem como inverossímeis dá uma boa medida do desconhecimento de então acerca da pluralidade do universo religioso carioca. Nesse ponto, é interessante lembrar que a obra de Nina Rodrigues, apesar de pioneira na exploração de temáticas do universo dos descendentes de africanos no Brasil, referia-se à realidade observada em Salvador, e tinha circulação restrita, por se tratar de publicações científicas. Além disso, somente nos anos 1930 *O animismo fetichista dos negros baianos* e *Os africanos no Brasil* foram publicados como volume, atingindo maior alcance entre os leitores leigos.

3.3

Mais algumas palavras sobre os “candomblés dos negros minas” ... As reportagens que não entraram na série

E João do Rio ainda voltaria a falar dos africanos, suas práticas religiosas, festas, costumes e participação no mercado de trabalho da cidade do Rio, em crônicas publicadas ao longo de 1904 e nos anos seguintes¹⁹.

Dentro do recorte proposto (1903-1905) foram localizadas três reportagens feitas por João do Rio para a *Gazeta de Notícias* sobre os candomblés no Rio de Janeiro e uma para a *Kosmos*. Em todas elas o cronista mantém seu estilo crítico, irônico e observador, transcrevendo para o leitor suas conversas com informantes e o que vira nesses ritos. Vale ressaltar que, por não integrarem a série “As religiões no Rio”, essas reportagens não foram incluídas no livro homônimo.

Em “S. João entre os africanos”, publicada na primeira página da *Gazeta de Notícias*, na edição de 25 de junho de 1904, com grande destaque e anunciada na edição do dia anterior; aqui o informante ainda é Antônio, o negro de Lagos

¹⁸ O'DONNELL, Julia Galli. *No olho da rua: a etnografia urbana de João do Rio*. [Dissertação de Mestrado] Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2007, p. 113.

¹⁹ Encontrei uma reportagem interessantíssima que João do Rio fizera como comemoração pelo dia da Abolição dos Escravos. Trata-se de “Negros ricos”, publicada na *Gazeta de Notícias*, em 13 de maio de 1905. Nela, o cronista segue o seu perfil característico de conversa informal com um informante, mas este se trata de um *alufá*, negro muçulmano. Embora excelente no sentido de informações religiosas, fala de ritos e costumes islâmicos e nenhuma vez cita os “candomblés dos negros minas”, fugindo, portanto, dos objetivos desta dissertação. Já na reportagem “Afoché”, publicada na *Gazeta de Notícias*, em 02 de março de 1905 não trata de elementos religiosos e João do Rio faz apenas uma menção ao feiticeiro Benzinho, que o teria levado para esse bloco de Afoché.

que apresentara João do Rio ao mundo dos candomblés. Ao se esbarrarem casualmente pela rua, Antônio convida nosso cronista para um candomblé de São João de Miguel Cruanum, na casa do Galiza Vavá, à rua Barão de São Félix. Mais uma vez João do Rio traz diversos nomes de pais-de-santo, devotos e freqüentadores e os endereços dos mesmos.

“O Natal dos africanos” foi uma crônica publicada na revista *Kosmos*, na edição de dezembro de 1904, tendo sido republicada no mesmo periódico com o nome de “O Natal nos candomblés”, no suplemento especial de Natal da revista em 1909²⁰. Trata-se da descrição de um mito africano, a partir do qual a partir do casamento entre Xangô, o deus do trovão e Oxum, a mãe d’água, teria nascido a chuva. João do Rio teria ouvido essa lenda em uma festa de candomblé que fora, mas não o especifica.

Além disso, localizei uma reportagem publicada pela *Gazeta*, intitulada “Galeria de feiticeiros”, em 20 de março de 1904, ou seja, durante a publicação da série “As religiões no Rio”. O texto não é assinado, mas, se não foi escrito por João do Rio, é possível que tenha alguma participação do jornalista, já que os três biografados são personagens abordados, com freqüência, em suas crônicas. Além disso, os comentários presentes na “Galeria de feiticeiros” são bem similares aos que encontramos nos textos do cronista. Aqui o informante é apenas identificado como *o negro Miguel*.

Como dizia a reportagem,

(...) Foi tal a curiosidade despertada pelos artigos de João do Rio sobre os nossos feiticeiros, que damos hoje alguns retratos dos mais temíveis exploradores da credulidade pública.

A reportagem trazia retratos e pequenas biografias de *três dos mais temíveis exploradores da credulidade pública*: Emmanuel Ojô, nascido em Lagos, e que *entre os ingleses é simplesmente o Schmidt*, e nos é apresentado como

(...) o consultor técnico dos pretos; na sua casa é que se dão as reuniões dos feiticeiros, que se resolvem as contendas, que se escrevem as cartas, que se resolve quem há de morrer. Contam-se desse negro e de sua tenda de feitiço coisas pouco morais.²¹

²⁰ RIO, João do. O Natal nos candomblés. *Kosmos: revista artistica, scientifica e litteraria*. Rio de Janeiro., dez 1909, p. 23-24.

²¹ Idem.

Abubaca Caolho é o segundo feiticeiro retratado na reportagem. Também é nascido em Lagos e teria vindo para o Brasil como carregador, mas acabou vivendo, no Rio de Janeiro, exclusivamente da feitiçaria.

Abubaca não rejeita serviço. Um cidadão qualquer vai a baiúca da rua do Rezende e pede a lua, o sol, meia dúzia de rainhas de Sabá, o amor da imperatriz da Goméia. Abubaca enxuga o seu olho estragado e murmura: - *Eh! Eh! Pore se faze ...* E para começar pede logo dinheiro.²²[grifos no original]

A seguir a reportagem nos apresenta a Zebinda, filha de *tio Antônio, empregado do Banco Alemão, também feiticeiro célebre.*

Zebinda está agora na Travessa das Partilhas. Só tem um prazer na vida: dar festas, danças, fazer *candomblés* gasta todo dinheiro que ganha – e ganha muito – nas festas e na proteção anormal que dá a certas amigas.²³

Para Mônica Velloso²⁴, ao materiarilizar o texto escrito, a ilustração, de forma geral, nesse momento serve de fascínio ao olhar e das consciências. É a idéia do mundo-imagem, de uma cidade que se quer captar pelas letras, lentes e pelo lápis. E aqui mais uma vez se tem o uso da imagem para reforçar, causar maior idéia do contraste civilização X barbárie; marca característica da imprensa da *belle époque*, especialmente a carioca.

Creio que vale ainda a citação de uma crônica escrita por João do Rio para a *Kosmos* e publicada na edição de novembro de 1904, intitulada “A tatuagem”. Posteriormente essa crônica foi publicada como um dos capítulos da coletânea *A alma encantadora das ruas do Rio*, publicada pela primeira vez em volume pela editora Garnier em 1908, com o título modificado para “Os tatuadores”.

A crônica fala sobre o ofício dos tatuadores, figuras facilmente encontradas nas ruas do Rio de Janeiro, nas regiões do cais do porto, os tipos que os procuram para fazer tatuagem e dos desenhos e motivações para tal. Aqui nos interessa a menção que João do Rio faz à motivação religiosa e aos negros que tatuam sinais de sua crença em seu corpo.

Da tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da credice. (...) Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas de

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaço*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 37.

ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos — são a exteriorização da alma de quem os traz²⁵.

Os negros guardam a forma fetiche; além dos golpes sarados com o pó preservativo do mau olhado, usam figuras complicadas. (...) *O feiticeiro Ononenê, morador à Rua do Alcântara, tem do lado esquerdo do peito as armas de Xangô, e Felismina de Oxum a figura complicada da santa d'água doce.* (...) E não se fotografam com um pavor surdo, como se fosse crime usar essas marcas simbólicas²⁶. [grifos meus]

Interessante também é o fato do cronista citar Cesare Lombroso²⁷, (1835 - 1909) médico, cirurgião e cientista italiano, pai da antropologia criminal cujas teorias se baseavam na natureza biológica do comportamento criminoso, argumentando ser a criminalidade um fenômeno físico e hereditário e, como tal, um elemento objetivamente detectável nas diferentes sociedades. Para Lombroso o criminoso representava o retorno à selvageria. Ao citar Lombroso e suas teorias, João do Rio se mostra a par dos saberes médicos e jurídicos em voga no momento. De fato o jurista italiano e suas teorias foram muito populares entre intelectuais brasileiros na virada do século e a modernidade também se pregava a partir do apego a certos autores e modelos europeus.

Lombroso diz que a religião, a imitação, o ócio, a vontade, o espírito de corpo ou de seita, as paixões nobres, as paixões eróticas e o atavismo são as causas mantenedoras dessa usança. Há uma outra — a sugestão do ambiente. Hoje toda a classe baixa da cidade é tatuada — tatuam-se marinheiros, e em alguns corpos há o romance imageográfico de inversões dramáticas; tatuam-se soldados, vagabundos, criminosos, barregãs, mas também portugueses chegados da aldeia com a pele sem mancha, que influência do meio obriga a incrustar no braço coroas do seu país. (...) A sociedade, obedecendo à corrente das modernas idéias criminalistas, olha com desconfiança a tatuagem²⁸.

Segundo Sidney Chalhoub, ideologicamente para aquele momento, quase que se equivalem os conceitos de pobreza, ociosidade e criminalidade, sendo todos considerados atributos das classes perigosas – sinônimo de classes pobres, tornando o indivíduo pobre automaticamente perigoso para a sociedade²⁹. Os preconceitos raciais e as conseqüentes dificuldades de competir pelas vagas que se

²⁵ RIO, João do. A tatuagem. *Kosmos: revista artística, científica e litteraria*. Rio de Janeiro, nov 1904, p. 45.

²⁶ Idem.

²⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²⁸ RIO, João do. A tatuagem. *Kosmos: revista artística, científica e litteraria*. Rio de Janeiro, nov 1904, p. 45.

²⁹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, 2ª edição, p. 80.

abrem no comércio, no funcionalismo e nas obras públicas, fazem com que muitos indivíduos se incorporem à massa de desocupados que lutam pela sobrevivência nas grandes cidades brasileiras, vivendo de expedientes e de inúmeras formas de subemprego que margeiam as ocupações regulares - registradas e reconhecidas pela legislação - e a marginalidade³⁰.

3.4 As outras religiões no Rio

Desde o início da colonização brasileira, vários imigrantes vieram para cá, trazendo consigo suas crenças. Com o fim da escravidão e a transição para o trabalho imigrante, somada a liberdade religiosa garantida na Constituição de 1889, essa diversidade religiosa de fato apareceu aos olhos da sociedade de maneira significativa.

Mediante seu estilo flaneur, de ir as ruas em buscas das notícias, a convivência de diversas culturas e manifestações religiosas não poderiam passar despercebidas pelo cronista. Além dos “candomblés dos negros minas”, outras quinze manifestações religiosas foram abordadas na série “As religiões no Rio”.

Como já foi dito anteriormente, todas as reportagens do “inquérito” feito por João do Rio seguiam o mesmo padrão, consistindo basicamente em um relato descritivo de conversas informais com algum praticante ou líder daquela religião, suas visitas a templos, conversa com praticantes e líderes religiosos e presenciando ritos, como as seções de candomblé, um casamento evangélico e uma missa satânica, dentre outros, de suas opiniões e observações pessoais.

João do Rio procura ser bem detalhista em suas descrições, criando assim uma ilusão voyeurística. O cronista-repórter é aquele que, tendo acesso a determinados lugares e pessoas, conta ao leitor a sua experiência, é o mediador entre os acontecimentos da cidade e o seu público, satisfazendo a curiosidade dos seus leitores acerca desses cultos, como se ele próprio pudesse visualizar pessoas, locais e ritos, a partir dos dados informados pelo cronista. Sendo assim, entendo as crônicas de João do Rio não como um espelho do mundo social sobre o qual discorre, e sim como parte constitutiva deste e expressão de visões de mundo em torno das quais se conformavam determinados grupos sociais.

³⁰ KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 34.

A intenção neste tópico é abordar superficialmente essas outras religiões apresentadas por João do Rio no sentido de demonstrar o posicionamento do cronista em relação aos “candomblés dos negros minas”, na valorização das demais religiões em detrimento desta, e na supervalorização de alguns aspectos seja pelo cronista ou por seus informantes. Certamente uma discussão mais aprofundada sobre essas demais religiões seria interessantíssimo, mas foge das intenções e questões propostas neste trabalho³¹.

Meu primeiro destaque se refere à atmosfera de civilização presente no ambiente da *belle époque* e que essas religiões (ou seus informantes) se apropriam, no sentido de se auto-valorizarem, se mostrarem modernas. A fala do Dr. Álvaro Reis, informante de João do Rio sobre a Igreja Presbiteriana, é exemplar nesse sentido:

O protestantismo trouxe para os nossos costumes latino-americanos não sei se a pureza da alma, de que o mundo sempre desconfia, mas o asseio inglês, o regime inglês, a satisfação de bem cumprir os deveres religiosos e de viver com conforto³².

E no que complementa o informante da ACM³³, ao explicar a sua obra religiosa ao cronista: “não admire aqui, disse o meu amigo, senão a vida do civilizado e do honesto”³⁴. Madame Matilde, informante da reportagem referente às Sacerdotisas do futuro, faz questão de afirmar que fora a Paris há alguns anos antes, onde estudara cartomancia com Papus e Madame de Thèbes³⁵, duas conceituadas cartomantes francesas.

Em meio a uma sociedade que fazia questão de se mostrar civilizada, próxima aos costumes europeus, acredito que comparações e aproximações com a Inglaterra e a França presente nas falas desses informantes e a ressalva em se dizer

³¹ No levantamento de reportagens que tratassem sobre os candomblés encontrei, fora da série, reportagens de João do Rio sobre outras manifestações religiosas na *Gazeta de Notícias*. Maçonaria (30/11/1904, 12/12/1904, 17/12/1904); Protestantismo em São Paulo (03/12/1906); Espiritismo (12/01/1908, 13/01/1908, 15/01/1908, 18/01/1908, 20/01/1908, 22/01/1908, 25/01/1908, 30/01/1908, 10/02/1908, 13/02/1908).

³² RIO, João do. As religiões no Rio: A Igreja Presbiteriana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 mar 1904, p. 01.

³³ João do Rio não divulgou o nome deste informante, não sendo possível identificá-lo.

³⁴ RIO, João do. As religiões no Rio: A ACM. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 mar 1904, p. 01.

³⁵ RIO, João do. As religiões no Rio: As Sacerdotisas do futuro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 abr 1904.

civilizado e honesto são sintomas do querer se inserir nesta sociedade que quer ser moderna e civilizada.

Ainda nesse sentido, os informantes de João do Rio fazem questão de se mostrarem cultos e letrados, enfatizando suas bibliotecas, obras editadas pela casa e suas escolas. O próprio cronista também faz questão de ressaltar esses aspectos em suas observações sobre membros e suas religiões:

A fisiolatria é uma religião de doutores; numa lista de 200 ortólogos, sessenta por cento são bacharéis³⁶.

A tipografia fica embaixo, correspondendo a toda a extensão da nave em cima. É completa. (...) As obras de maior valor são o Ano sem Par, a Biografia de Benjamim Constant, a Visita aos Lugares Santos do Positivismo, a Química Positiva, as Últimas Concepções de A. Comte, todas obras de Raimundo Mendes. A publicação de folhetos é talvez superior a 600³⁷.

A Igreja Presbiteriana conseguiu estabelecer no Brasil os seguintes colégios: o Mackenzie e a Escola Americana, em São Paulo; o Colégio de Lavas, em Minas; o de Curitiba, no Paraná; o da Bahia, da Feira de Santa Ana e o da Cachoeira, na Bahia; o das Laranjeiras, em Sergipe; o do Natal, no Rio Grande do Norte; e ainda várias escolas gratuitas³⁸.

Aqui a ressalva em estar em pauta com publicações estrangeiras e a presença da mesma obra religiosa na Europa:

O Sr. Frederico Braga mostra-nos as revistas alemãs e inglesas, o *New Church Messenger* e a *New Church Review*, onde vêm reproduzidas em fotogravura as fachadas dos novos templos através do mundo³⁹.

A Federação [Espírita] publicou uma estatística de jornais espíritas no mundo inteiro. Pois bem: existe no mundo 96 jornais e revistas, sendo que 56 em toda a Europa e 19 só no Brasil⁴⁰.

O aprendizado e a perpetuação das religiões de matrizes africanas, incluindo o candomblé, se dá pela oralidade, o que explicaria o fato de não haver jornais, folhetos e publicações divulgando a religião. Essa é uma tradição, e neste

³⁶ RIO, João do. As religiões no Rio: Os Fisiólatras. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 07 mar 1904, p. 01.

³⁷ RIO, João do. As religiões no Rio: A Igreja Positivista. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04 mar 1904, p. 01.

³⁸ RIO, João do. As religiões no Rio: A Igreja Presbiteriana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 mar 1904, p. 01.

³⁹ RIO, João do. As religiões no Rio: A Nova Jerusalém. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 fev 1904, p. 01.

⁴⁰ RIO, João do. As religiões no Rio: Os Espíritas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 fev 1904, p. 01.

período do início do século XX ainda estava muito forte. Claro que muitos de seus adeptos eram de origem humilde e analfabetos. Mas creio que esses elementos era vistos pela sociedade da época como uma confirmação de atraso e barbárie dessa religião, e que não se enquadraria nos novos padrões estabelecidos pela *belle époque*.

Outro ponto que merece ser destacado é visão do negro e dos candomblés por essas outras religiões. Assim como as observações de João do Rio, as declarações de outros líderes religiosos acerca dos candomblés e seus praticantes são depreciativas.

O cronista descreve com assombro o fato de encontrar um negro dentre os fiéis da Igreja Batista:

Mas naquele ensaio, logo me prende a atenção um preto de casaco de brim sem colarinho. O órgão domina-o como um som de violino domina os crocodilos. (...) Eu curvei-me para o velho, que passava com outro maço de *Purgatórios* debaixo do braço: - Vem sempre aqui, aquele? - Vem sim, é fiel. Eu é que não sou...⁴¹ [grifo no original]

Interessante é o espanto com que João do Rio descreve o fato de encontrar um negro em um culto protestante, como se este só pudesse estar vinculado ao candomblé. A comparação que o cronista faz, o comparando com um crocodilo hipnotizado, nos dá o grau de como os negros eram vistos pela maior parte da sociedade, como animais selvagens.

A associação negro-candomblé-magia-feitiçaria também parecia ser muito naturalizada nesse período. O Dr. Justino de Moura, informante de João do Rio sobre o satanismo, declara:

A magia está muito decaída, eivada de costumes africanos e misturadas de pajés.(...) Hoje, os feiticeiros são negros, os fluídos de uma raça inferior destinados a um domínio rápido. Os malefícios satânicos estão inundados de azeite-de-dendê e de ervas de caboclos⁴².

Em um posicionamento muito semelhante, Frei Piazza, padre católico e informante de João do Rio sobre os exorcismos afirma:

O Rio de Janeiro é uma tenda de feiticeiros negros, de religiões de animais, de pedras animadas, o rojar de um povo inteiro diante do

⁴¹ RIO, João do. As religiões no Rio: Os Batistas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 mar 1904, p. 01.

⁴² RIO, João do. As religiões no Rio: Os Satanistas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 abr1904, p. 01.

amanhã, *Spectre toujours mas qué qui nous suit cote a cote Et qu'on nomme Demam ...*⁴³

Os negros muçulmanos, conhecidos por hauçás ou malês, e suas práticas religiosas, foram abordados algumas vezes nas reportagens sobre os “candomblés dos negros minas”. João do Rio destacou ainda que os “*alufás* não gostam da gente de santo a que chamam auauadó-chum; a gente de santo despreza os bichos que não comem porco, tratando-os de *malés*”⁴⁴. Não sabemos ao certo se João do Rio queria, na verdade, dizer malês, ao invés de *malés*, já que, analisando em conjunto os textos do cronista, esta é a primeira e única vez em que faz referência ao termo. E malê era justamente a forma como eram chamados os africanos iorubás islamizados⁴⁵. Apesar disso, tanto *orixás* como *alufás* “achavam-se todos relacionados pela língua, com costumes exteriores mais ou menos idênticos e vivendo da feitiçaria”⁴⁶. João do Rio informa que, embora fossem de religiões diferentes, muitas vezes se freqüentavam em ocasiões religiosas, por certo uma herança do *contato interétnico*⁴⁷ entre as muitas nações africanas. Na festa de São João que assistiu no candomblé do Galiza Vavá, à rua Barão de São Félix, o repórter da *Gazeta* encontrou tanto “negras cartomantes que fazem despacho, babalaôs, mães-de-santo, ogãs e feiticeiros exploradores, como *alufás*”⁴⁸. Nas comemorações natalinas, que começavam em 15 de dezembro e só terminavam em 13 de janeiro, com “a apoteose do Senhor do Bonfim, os africanos, divididos em orixás e mulsumins, juntam-se nesses candomblés formidáveis”⁴⁹.

Além disso, tantos os filhos de Alá quanto os filhos dos orixás viviam da feitiçaria. Desde a década de 1830, os minas já eram reconhecidos nas comunidades negras urbanas como feiticeiros, célebres e mágicos adivinhos. Segundo João do Rio,

⁴³ Tradução: Espectros que estão sempre a nos seguir lado a lado, os chamados demônios. RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os exorcismos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 abr 1904, p. 02.

⁴⁴ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os feiticeiros. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 mar 1904, p. 01.

⁴⁵ REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês: 1835*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 606. *Malê* vem do iorubá *ímále* ou *ímòle*.

⁴⁶ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os feiticeiros. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 mar 1904, p. 01.

⁴⁷ Expressão usada por Carlos Rodrigues Brandão para definir o encontro entre diferentes grupos étnicos. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 46.

⁴⁸ RIO, João do. S. João entre os africanos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 jun 1904, p. 01.

⁴⁹ RIO, João do. O Natal dos africanos. *Kosmos: revista artistica, scientifica e litteraria*, Rio de Janeiro, dez 1904, p. 45.

os *orixás* faziam sacrifícios, afogavam os santos em sangue, davam-lhes comida, enfeites e azeite-de-dendê, os *alufás*, apesar da proibição da crença, usam do aligenum, espíritos diabólicos chamados para o bem e o mal, num livro de sortes, marcado com tinta vermelha e alguns, os maiores, como Alikali, fazem até idams ou as grandes mágicas, em que a uma palavra cabalística a chuva deixa de cair e obis aparecem em pratos vazios⁵⁰.

Assim como João do Rio, Nina Rodrigues também fala brevemente acerca dos negros muçulmanos na Bahia, seus aspectos religiosos e sobre a revolta de 1835 e a sua repercussão. Por lá também eram considerados como conhecedores de altos processos mágicos e feiticeiros. Me chamou atenção particularmente o seguinte trecho trazido pelo médico maranhense:

Um velho africano me explicava que a religião dos negros *de santo* e mesmo a dos católicos são muito mais fáceis, divertidas e atraentes do que a dos *musulmins*, que se impõem uma vida severa, adistricta a observância de princípios religiosos que não toleram bebedeiras. Por isso, mesmo os filhos dos malês tem pouca tendência a seguir as crenças dos seus maiores e uma vez emancipados abraçam facilmente ou a religião iorubana ou o catolicismo⁵¹. [grifos no original]

Há ainda uma reportagem intitulada *O culto do mar*, na qual João do Rio apresenta elementos que me fazem crer se tratar de um ritual ao orixá Iemanjá⁵², e, portanto, seria uma sexta reportagem sobre o candomblé. O jornalista não faz essa conexão em momento algum da reportagem, mas ao analisar as informações contidas na mesma, não pude deixar de atentar para fatos como:

(...) O Culto do Mar é praticado pelos pescadores das nossas praias (...) Enfim, uma classe à parte, com festas próprias, que não se afasta do oceano e é unida pelo culto do mar (...) Há colônias só de portugueses, como a de Santa Luzia e de Santo Cristo, de portugueses e brasileiros, como em Sepetiba, de italianos apenas, de brasileiros só. Uma série de núcleos ligados pela crença (...) ⁵³

(...) Aqui, para Mãe-d'Água ser boa fazem-se despachos. Na ilha do Governador compram tudo do mais fino, põem a mesa à beira da praia, com talheres de prata,

⁵⁰ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os feiticeiros. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 março 1904, p. 01. O padre Etienne Brazil, um “anti-islamita militante”- nas palavras de João José Reis - em artigo publicado em 1909, apesar de apontar muitos “erros” nos registros de João do Rio sobre os muçulmanos, concorda com ele nesse ponto. Segundo Brazil, os *alufás* da Capital Federal, não obstante a terminante proibição do Alcorão, se entregava à magia e ao fetichismo. In: BRAZIL, Etienne Ignace. “Os malês”. *Revista do IHGB*, tomo 74, v. 124, parte 2, 1909, p. 79.

⁵¹ RODRIGUES, Raimundo Nina. Teologia fetichista dos áfrico-bahianos. *Revista Brasileira - jornal de ciencias, letras e artes*, Rio de Janeiro, 01 mai 1896, p. 27.

⁵² Grande orixá feminino das águas, reverenciado no Brasil como mãe de todos os outros orixás.

⁵³ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: O culto do mar. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 abr 1904, p. 02.

copos bonitos, a toalha alva e galinhas sem cabeça, para a santa comer (...) Mãe-d'Água é diferente; é a devoção, é como um santo do Mar (...) ⁵⁴

(...) Os pescadores têm um temor incalculável da polícia. Desde que um curioso aparece, guardam segredo das suas crenças e negam toda e qualquer participação em religião que não seja a católica (...) ⁵⁵

A descrição desse ritual é muito semelhante a rituais feitos para esse orixá. Outro elemento que me chama a atenção é o fato de tal ritual ser praticado por pescadores brancos, descendente de portugueses. Como já foi citado, as práticas religiosas dos africanos faziam parte da vida cotidiana em terras brasileiras desde os tempos coloniais e eram comumente visualizada por brancos e mestiços, contando inclusive com a participação destes. Esse indício de brancos, portugueses e italianos praticando rituais similares ao candomblé, nada mais seria do que mais uma prova do *contato interétnico* ocorrido no Brasil.

Outro fato que se destaca é o fato de tais praticantes do culto do mar se esconderem da polícia e se afirmarem católicos, prática muito semelhante a de muitos praticantes dos candomblés, inclusive citados por João do Rio.

Creio que as reportagens sobre o Espiritismo merecem um pouco mais de atenção. Em primeiro lugar porque assim como o candomblé se trata de uma religião mediúnica. Segundo porque perante a lei todas eram classificadas como espiritismo, apesar de serem religiões completamente diferentes; além da já mencionada categoria “baixo espiritismo”, que englobava todas essas religiões e que acabou adquirindo um estatuto não só categorizador, mas também acusatório; terceiro pelo início de um movimento dentro da doutrina espírita em se afirmar como uma “religião séria”, mas em também se desvencilhar da imagem dos candomblés ⁵⁶. O fato de essa manifestação religiosa ter ganhado duas reportagens ⁵⁷, enquanto a maioria das religiões só recebera uma reportagem, também me parece ser significativo. As declarações feitas ao longo das reportagens só reafirmam todos os pontos ressaltados até aqui, além da já abordada necessidade de se afirmar próxima de valores modernos e civilizatórios,

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Para maiores informações GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

⁵⁷ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: O Espiritismo Falso. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 fev 1904, p. 01. RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os Espíritas. *Gazeta de Notícias*, 26 fev 1904, p. 01.

e da associação negro-feiticeiro de forma pejorativa, também mostrada em outras religiões:

Se na sociedade baixa, centenas de traficantes enganam a credulidade com uma inconsciente mistura de feitiçaria e catolicismo, entre a gente educada há um número talvez maior de salas onde estudam o fenômeno psíquico e a adivinhação do futuro, com correspondência para Londres e um ar superiormente convencido⁵⁸.

Há pelo menos cem mil espíritas no Rio. É preciso, porém, não confundir o espiritismo verdadeiro com a exploração, com a falsidade, com a credence ignorante. (...) a religião [espírita] sofre da incompreensão de quase todos, substitui a feitiçaria e a magia⁵⁹.

E já que estamos falando de categorias qualificatórias, chegamos aqui em um ponto que merece um tópico à parte. Vejamos então, as qualificações propostas por João do Rio acerca dos “candomblés dos negros minas”.

3.5 Qualificações de João do Rio acerca dos “candomblés dos negros minas”

Mesmo tendo escrito “As religiões no Rio” há um pouco mais de um século, ao falar dos “candomblés dos negros minas”, João do Rio ainda hoje nos abre um mundo muito desconhecido. O candomblé é uma religião que possui segredos rituais, e que mesmo seus devotos só os descobrem após passarem por determinados rituais, sendo um eterno aprendizado. E foi justamente o fato de publicizar segredos ritualísticos nas páginas de um dos principais periódicos da Capital Federal que causou tanto alvoroço entre os praticantes de candomblé naquele início de século. A idéia aqui não é transcrever esses segredos ou analisar verdades ou exageros do que de fato ocorre nos rituais. Relatando fielmente ou exagerando, ou ainda fantasiando, João do Rio nos traz a sua visão acerca dos candomblés. A intenção é realizar uma análise de como o cronista via ou não essa manifestação cultural, religiosa, numa tentativa de ele como formador de opinião, voz de uma elite, teria prejudicado ou não a formação do candomblé como construção social. Sendo assim tracei como caminho eleger alguns aspectos que,

⁵⁸ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os Espíritas. *Gazeta de Notícias*, 26 fev 1904, p. 01.

⁵⁹ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: O Espiritismo Falso. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 fev 1904, p. 01.

ao meu ver, se destacam e ao longo das informações, cotejá-las com as informações trazidas por Nina Rodrigues sobre os candomblés.

O primeiro dos aspectos tratados por João do Rio que destaco era a maneira a qual o cronista se referia aos candomblés, repletas de juízos de valor e termos pejorativos. A prostituição, o tribadismo das filhas-de-santo, chamadas de “demoníacas e as grandes farcistas da raça preta, gorilas manhosos e uma súcia de pretas cínicas ou histéricas”, o caráter lúbrico dos pais-de-santo, “rodeados de mulheres”, a cupidez por parte desses dirigentes que “roubam com descaro”, e que a tudo se prestariam em troca de dinheiro são algumas das qualificações dadas por João do Rio aos líderes e praticantes do candomblé, que adjetivava como “bárbaro politeísmo”, “rito selvagem”, etc. Em contrapartida ao retratar as outras religiões, João do Rio se declarava conhecer “criaturas de um povo religiosamente bom”⁶⁰, ou “minha alma se extasiara”⁶¹ ao participar de um culto na Igreja Fluminense, ou ainda “saí encantado com a clara inteligência desse pastor”⁶².

A diferença com a qual João do Rio descreve um líder religioso de candomblé e um líder religioso de outra religião, é bem clara:

Pouco tempo depois apareceu Sanin, de blusa azul e gorro vermelho, o tipo clássico do mina desaparecido, andando meio de lado, com o olhar desconfiado. O pobre-diabo vive assustado com a polícia, com os jornais, com os agentes. Para o seu cérebro restrito de africano, desde que chegou, o Rio passa por transformações fantásticas. É um malandro, orgulhoso do feitiço e com um medo danado da cadeia⁶³.

O pastor é o Sr. Levindo Castro de la Fayette, que aparece logo. Homem de fisionomia inteligente, falando bem, com o ar de quem está sempre na peroração de um discurso interrompido por apartes, o pastor agrada⁶⁴.

Ao referir-se as *yauô*, as filhas-de-santo, ao longo de suas reportagens como “criaturas que fornecem ao Hospício a sua quota de loucura, propagam a histeria entre as senhoras honestas e as cocottes”, o cronista demonstra uma estreita relação com os saberes psiquiátricos dominantes no momento. Segundo Artur César Isaia, nesse aspecto João do Rio se aproxima das versões médicas,

⁶⁰ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os maronitas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 abr 1904, p. 02.

⁶¹ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: A Igreja Fluminense. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 mar 1904, p. 01.

⁶² RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os Batistas. *Gazeta de Notícias*, 01 mar 1904, p. 01.

⁶³ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os novos feitiços de Sanim. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 mar 1904, p. 01.

⁶⁴ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: A Nova Jerusalém. *Gazeta de Notícias*, 22 fev 1904, p. 01.

acerca do perigo representado pelo candomblé para a saúde mental, apresentando, outras dimensões dessas personagens, que demonstram o seu comprometimento moral⁶⁵. Rachel Sohiet por sua vez afirma que muitos médicos assumiam que os devotos destes cultos mediúnicos eram mentalmente desequilibrados, sendo publicados estudos sobre desordens mentais causadas pela participação nessas seitas religiosas. Em decorrência, esses médicos chegam, inclusive, a recomendar que os seus seguidores fossem registrados na polícia, devendo ser submetidos a exames periódicos para determinar sua estabilidade intelectual e psicológica⁶⁶. Nina Rodrigues por sua vez, acreditava que o estado de santo era uma espécie de sonambulismo provocado e dos mais curiosos. Sendo essa atmosfera que a intelectualidade da *belle époque* carioca estava imersa, de fato essas idéias de algum modo influenciaram o pensamento de João do Rio. Não sabemos com certeza se João do Rio de fato se identificava com essas questões médicas e antropológicas. Mas que muitos intelectuais do período encontraram pontos em comum com essas teorias e as reportagens de João do Rio, isso fica bem claro ao ler as declarações dos mesmos a respeito das reportagens nos periódicos do período.

Aqui também João do Rio se coloca como representante de uma sociedade moderna e civilizada, numa cidade que parece estar infestada de candomblés e feiticeiros negros, onde brancos freqüentavam feiticeiros e candomblés:

Eu assisti às cerimônias do culto, em que quase sempre predomina a farsa pueril e sinistra. Diante dos meus olhos de civilizado, passaram negros vestidos de Xangô, com calça de cor, saíote encarnado enfeitado de búzios e lantejoulas, avental, babadouro e gorro ...⁶⁷

Eu vi senhoras de alta posição saltando, às escondidas, de carros de praça, como nos folhetins de romances, para correr, tapando a cara com véus espessos, a essas casas; eu vi sessões em que mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas e notas aos gritos dos negros malcriados que bradavam.

- Bota dinheiro aqui!⁶⁸

É provável que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não há ninguém cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas

⁶⁵ ISAIA, Artur César. “Espíritos e médiuns na obra de João do Rio e de Coelho Neto”. In: COSTA, Cléria Botelho da e MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 33.

⁶⁶ SOIHET, Rachel. “Um debate sobre manifestações culturais populares no Brasil dos primeiros anos da República aos anos 1930”. *Trajetos*. Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Deptº de História da UFC. v 1, nº 1. Fortaleza, 2001, p. 05.

⁶⁷ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: O feitiço. *Gazeta de Notícias*, 14 mar 1904, p. 01.

⁶⁸ Idem.

sujas onde se enrosca a indolência malandra dos negros e das negras. É todo um problema de hereditariedade e psicologia essa atração mórbida ⁶⁹.

Nesse sentido complementa Nina Rodrigues: “sei de um senador e chefe político local que se tem constituído protetor-chefe dos ogãs e pais de terreiros” e ainda

Mas esta clientela não se recruta sempre nas negras boçais e ignorantes senão mesmo na melhor sociedade da terra. Para levantar as suspeitas que possam recair sobre as damas de qualidade que a queiram consultar, a mãe do terreiro fez instalar na sala principal da casa, bem em evidência, uma loja de modista ⁷⁰.

Ao mesmo tempo em que João do Rio descreve rituais, também faz observações qualificatórias acerca destes, seja em suas próprias opiniões ou através da fala de Antônio, seu informante. O cronista discorre acerca de cargos e hierarquias religiosas:

É natural que para corresponder à hierarquia celeste seja necessária uma hierarquia eclesiástica. (...) Há os *babalaôs*, os *açoba*, os *aboré*, grau máximo, as mães-pequenas, os *ogan*, as *agibonam* ... A lista é como a dos santos, muito comprida, e cada um desses personagens representa papel distinto nos sacrifícios, nos *candomblés* e nas feitiçarias⁷¹. [grifos no original]

Descreve rituais como uma feitura de filho-de-santo e sua saída, que teria assistido em um dos *candomblés* da cidade:

As rezas começam então; o pai-de-santo molha a cabeça da *iauô* com uma composição de ervas e com afiadíssima navalha faz-lhe uma coroa, enquanto a roda canta triste: *Orixalá otô ô yauô!*(...) Em seguida, o lúgubre barbeiro raspalhe circularmente o crânio, e quando a carapinha cai no alguidar, a operada já perdeu a razão⁷². [grifos no original]

(...) a negra iniciada entrou, de camisola branca, com um leque de metal chocalhante. Fula, com uma extraordinária fadiga nos membros lassos, os seus olhos brilhavam satânicos sob o capacete de pinturas bizarras com que lhe tinham brochado o crânio. Diante do pai estirou-se a fio comprido, bateu com as faces no assoalho, ajoelhou e beijou-lhe a mão. *Babaloxá* fez um gesto de bênção, e ela foi, rojou-se de novo diante de outras pessoas. O som do *agogó* arrastou no ar os

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ RODRIGUES, Raimundo Nina. Liturgia fetichista dos áfrico-bahianos. *Revista Brasileira - jornal de ciencias, letras e artes*, Rio de Janeiro, 15 jun 1896, p. 05.

⁷¹ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio. Os feitiçeiros. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 mar 1904, p. 01.

⁷² RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: As iaôs. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 mar 1904, p. 01.

primeiros batuques e os arranhados do *xequeré*. A negra ergueu-se e, estendendo as mãos para um e para outro lado, começou a traçar passos, sorrindo idiotamente⁷³. [grifos no original]

Nina Rodrigues também descreve uma feitura de filho-de-santo. Seu posicionamento, porém é diferente de João do Rio, já que tenta entender o processo religioso e a razão de determinados rituais:

A preparação ou lavagem do fetiche é coisa bem complicada em que o *pai do terreiro* põe toda a sua ciência, toda a sua perícia (...). À noite, a inicianda tem de tomar um banho místico, verdadeira purificação lustral, em que troca as vestes novas, acredito eu, como completa renúncia a vida anterior (...)⁷⁴ [grifos no original]

João do Rio fornece receitas de feitiços dadas por Antônio ou ainda por outras figuras que conhecera nos candomblés:

Para matar um cavalheiro qualquer, basta torrar-lhe o nome, dá-lo com algum milho aos pombos e soltá-los numa encruzilhada. Os pombos levam a morte... É poético. Para ulcerar as pernas do inimigo um punhado de terra do cemitério é suficiente. Esse misterioso serviço chama-se *etu*, e os *babaloxás* resolvem todo o seu método depois de conversar com os *iffá*, uma coleção de 12 pedras. Quando os *iffá* estão teimosos, sacrifica-se um cabrito metendo as pedras na boca do bicho com alfavaca de cobra⁷⁵. [grifos no original]

Apresenta suas impressões sobre suas próprias consultas com babalorixás:

Oloô-Tetê tirou o *opelé* que há muitos anos foi batizado e prognosticou o meu futuro. Este futuro vai ser interessante. Segundo as cascas de tartaruga que se voltavam sempre aos pares, serei felicíssimo, ascendendo com a rapidez dos automóveis a escada de Jacó das posições felizes. É verdade que um inimigozinho malandro pretende perder-me. Eu, porém, o esmagarei, viajando sempre com cargos elevados e sendo admirado⁷⁶. [grifos no original]

Descreve um ritual de egum, que assistira na companhia de Antônio:

Baba-Egum batia furiosamente no chão com a sua vara de marmelo, e no alarido aumentado apareceu aos pulos outro dominó, o *Alabá*, que por sua vez também se pôs a bater. Era o ritual da entrega das almas. Por fim apareceu *Ousaim*, enfiado

⁷³ Idem.

⁷⁴ RODRIGUES, Raimundo Nina. Liturgia fetichista dos áfrico-bahianos. *Revista Brasileira - jornal de ciencias, letras e artes*, Rio de Janeiro, 15 jun 1896, p. 08.

⁷⁵ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: O feitiço. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 mar 1904, p. 01.

⁷⁶ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os feiticeiros. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 mar 1904, p. 01.

numa fantasia de *bebê*, de xadrez variado, com duas máscaras: uma nas costas, outra tapando o rosto⁷⁷. [grifos no original]

Para Nina Rodrigues, o ritual de

Egungun, [é a] grotesca aparição da alma do finado. Não passa de uma farsa combinada entre os chefes e diretores de candomblé e uma pessoa de confiança que, vestida de longas roupas brancas, vem responder a invocações que em momento oportuno lhe são feitas⁷⁸.

João do Rio traz ainda informações sobre o ritual de confirmação de babalorixá:

Para ser *babalaô* é preciso muita coisa. Só de noviciado, leva-se muito tempo, anos a fio, e a cerimônia é difícilíssima (...) O iniciado fica inteiramente nu, senta-se na esteira, e o velho *babalaô* indaga se é de seu gosto fazer o *iffa*. Se a resposta for afirmativa, lavam-se quarenta e dois caroços de dendê com diversas ervas, e nessa água o *babalaô* novo toma banho (...) O novo *babalaô* recebe na cabeça um pouco do sangue dos animais, o acólito ou *ogibanam* amarra-lhe na testa uma pena de papagaio com linha preta e, assim pronto, o novo matemático fica seis dias aprendendo a prática de alguns feitiços temíveis e rezando aos *odu jilá*⁷⁹. [grifos no original]

Outra questão que chama muita atenção nas reportagens é o *sincretismo afro-católico*. Tanto Antônio, o informante, como João do Rio fazem associações sincréticas para explicar questões rituais ou sobre os orixás, com declarações como *Ogum*, o São Jorge da África, ou ainda

Os *orixás*, em maior número, são os mais complicados e os mais animistas. Litólatras e fitólatras, têm um enorme arsenal de santos, confundem os santos católicos com os seus santos, e vivem a vida dupla, encontrando em cada pedra, em cada casco de tartaruga, em cada erva, uma alma e um espírito⁸⁰.

Era a primeira visita de Araquá, uma santa em que se confundem no rito africano os milagres de Nossa Senhora da Penha⁸¹.

Nina Rodrigues também refere-se à identificação entre santos católicos e orixás. Assim, Xangô equivale a Santa Bárbara, apesar das diferenças de sexo, pela relação com o trovão e os raios. Oxossi equivale a São Jorge, devido à

⁷⁷ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: A casa das almas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 mar 1904, p. 01.

⁷⁸ RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Salvador, s.ed., 1935, p. 238.

⁷⁹ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os novos feitiços de Sanim. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 mar 1904, p. 01.

⁸⁰ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio: Os feiticeiros. *Gazeta de Notícias*, 09 mar 1904, p. 01.

⁸¹ RIO, João do. São João entre os africanos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 jun de 1904, p. 01.

presença do cavalo e da lança. Obatalá ou Orixalá é identificado com o Senhor do Bonfim, objeto do culto mais popular na Bahia. O médico menciona ainda a equivalência da identificação Virgem Maria com certos orixás como Oxum ou Iemanjá. Para ele, “sem renunciar a seus deuses africanos, o negro tem profunda devoção pelos santos católicos, uma vez que os santos constituem orixás para eles”⁸².

Aqui optei por me referir a esta ressignificação religiosa como *sincretismo afro-católico*, por ser a maneira pela qual João do Rio e Nina Rodrigues se referem a tal fenômeno. A discussão sobre a aplicação do conceito *sincretismo* no que se refere à religiosidade afro-brasileira é por demais complexa⁸³, e muitos foram os autores que trouxeram novos termos para a discussão, dentre eles Nestor Garcia Canclini⁸⁴ propõe o uso do conceito de *hibridismo cultural* e Mary Pratt⁸⁵ que opta por trabalhar com o conceito de *transculturação*. Como a idéia principal aqui não é a discussão sobre a ressignificação religiosa, optei por manter a terminologia de nossos autores.

Uma questão muito curiosa é trazida por João do Rio e seu informante Antônio nas reportagens sobre os “candomblés dos negros minas”. Se trata das referências feitas a tia Ciata⁸⁶, figura célebre na história dos candomblés cariocas e também da história do samba.

⁸² RODRIGUES, Raimundo Nina. 1935, op. cit., p. 180.

⁸³ Nei Lopes define o sincretismo como uma combinação em um só sistema, de elementos de crenças e práticas culturais de diversas fontes. Como bem lembra Sérgio Ferretti, o sincretismo ocorre na religião, na filosofia, na ciência, na arte, e pode ser de muitos tipos diversificados. Mas talvez a ressignificação mais conhecida seja o chamado sincretismo religioso afro-católico, fenômeno no qual os escravos identificavam seus orixás e demais ritos de suas religião com santos e rituais católicos; processo identificado pelos pesquisadores desde os tempos coloniais. O sincretismo religioso brasileiro já foi abordado por inúmeros autores, dentre eles BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. Tradução de Maria Eloísa Capellato e Olívia Krahenbuhl. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985, 2ª edição; SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Para maiores informações sobre as questões teóricas envolvendo o conceito de sincretismo ver: FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo*. São Paulo/ São Luís: Edusp/ FAPEMA, 1995; LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

⁸⁴ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

⁸⁵ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

⁸⁶ Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata (1854 -1924) é tema de um livro célebre de Roberto Moura e referência em estudos sobre a cultura negra, samba e candomblés no início do século XX no Rio de Janeiro. Para maiores informações MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/ Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1995, 2ª edição.

Sua fama correu o Rio de Janeiro, chegando até o Presidente Wenceslau Brás, a quem alguns anos mais tarde, livrou de um eczema na perna que os médicos com toda sua ciência não conseguiram curar. O feito garantiu ao seu marido um posto no gabinete do Chefe de Polícia, nomeado pelo próprio Presidente da República⁸⁷.

Exaltada por muitos de seus contemporâneos simpatizantes ao samba e do candomblé, como João da Baiana, Pixinguinha, Donga e Heitor dos Prazeres, além de jornalistas, intelectuais, políticos e elementos curiosos da classe média, João do Rio traz declarações no mínimo inusitadas sobre a famosa mãe-de-santo, classificando-a como *exploradora*. Até o presente momento não tenho conhecimento de nenhuma outra fonte ou declaração que se refira à tia Ciata neste sentido:

A Assiata, uma negra baixa, fula e presunçosa, moradora à rua da Alfândega, dizem os da sua roda que pôs doida na Tijuca uma senhora distinta, dando-lhe misturadas para certa moléstia do útero⁸⁸.

Assiata. Esta é de força. Não tem navalha, finge de mãe-de-santo e trabalha com três *ogans* falsos - João Ratão, um moleque chamado Macário e certo cabra pernóstico, o Germano. A Assiata mora na rua da Alfândega, 304. Ainda outro dia houve lá um escândalo dos diabos, porque a Assiata meteu na festa de Iemanjá algumas *iauô* feitas por ela. Os pais-de-santo protestaram, a negra danou, e teve que pagar a multa marcada pelo santo. Essa é uma das feiticeiras de embromação⁸⁹.

Grande parte dos aspectos religiosos tratados por João do Rio nos “candomblés dos negros minas” no Rio de Janeiro também são abordados por Nina Rodrigues em Salvador, embora de maneira distinta. Mas creio que a grande diferença entre João do Rio e Nina Rodrigues ao se referirem ao candomblé está no fato de que, ao contrário do cronista, o médico maranhense o analisa e o considera uma religião, descreve os orixás como divindades e não coloca suas impressões pessoais e juízos de valor e sim suas impressões científicas. Nina Rodrigues comenta medidas repressivas ao culto jeje-nagô bem como sua grande vitalidade e resistência. Mostra que, na África, esses cultos constituem verdadeira

⁸⁷ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia*. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 217; MOURA, Roberto. op. cit., p. 97.

⁸⁸ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio A casa das almas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 mar 1904, p. 01.

⁸⁹ RIO, JOÃO DO. As religiões no Rio As iaôs. *Gazeta de Notícias*, 12 mar 1904, Rio de Janeiro, p. 01.

religião, mas no Brasil são considerados práticas de feitiçaria, sem proteção nas leis, condenadas pela religião dominante e pelo desprezo aparente das classes influentes.